

Formação de professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual: revisitando limites e possibilidades

Training of Science and Biology Teachers in Sexual Education: revisiting limits and possibilities

Bruno Tavares

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
brunotavares33@hotmail.com

Resumo

A Educação Sexual foi inserida no currículo das escolas brasileiras nos anos 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Entre os temas apresentados no documento, havia a chamada “Orientação Sexual”, a qual preconizava a transversalização da Educação Sexual ao longo dos ciclos de escolarização. Contudo, no cenário escolar atual, costuma-se delegar a função de educador sexual aos professores de Ciências e de Biologia. Além disso, diversas pesquisas apontam a precarização da formação inicial e continuada desses professores para o tratamento da temática. Tendo isso em vista, o presente ensaio visa discutir acerca dos limites e possibilidades em se tratando da formação dos professores de Ciências e de Biologia para abordagem da Educação Sexual. Entre as dificuldades encontradas, pode-se citar a falta de disciplinas específicas nos cursos superiores, assim como a ausência de aspectos psicossociais no tratamento da temática e o conseqüente apagamento das diversidades sexuais e de gênero dos cenários de formação desses professores. Entretanto, ressalta-se a potencialidade dos espaços extradisciplinares, como PET e PIBID, por exemplo, na formação para abordagem da Educação Sexual pelos professores de Ciências e de Biologia.

Palavras chave: currículo, ensino de ciências, espaços extradisciplinares, gênero, sexualidade.

Abstract

Sexual Education was inserted in the curriculum of Brazilian schools in the 1990s, with the publication of National Curricular Parameters (PCN). Among the themes presented in the document, there was the so-called "Sexual Orientation", which advocated the mainstreaming of sexual education throughout schooling cycles. However, in the current school setting, it is usually delegated the role of sexual educator to science and biology teachers. In addition, several studies point to the precariousness of initial and continuing training of these teachers for the treatment of the subject. With this in view, this essay aims to discuss the limits and possibilities in the training of Science and Biology teachers to approach Sexual Education. Among the difficulties encountered, we can mention the lack of specific courses in higher education, as well as the absence of psychosocial aspects in the treatment of the subject and the consequent erasure of sexual and gender diversities of the training scenarios of these teachers. However, the potential of extradisciplinary spaces, such as PET and PIBID, for

example, in the training for the approach of Sexual Education by the professors of Sciences and Biology, is emphasized.

Key words: curriculum, science teaching, extradisciplinary spaces, gender, sexuality.

Introdução

O presente estudo tem como objetivo discutir acerca dos limites e possibilidades quanto à formação do professor de Ciências e de Biologia em relação à Educação Sexual no Brasil. De início, esclarecerei meu posicionamento em relação ao uso de terminologias e definições no campo de estudos da Educação Sexual. Posteriormente, serão evidenciados certos limites em se tratando da formação desses professores para a abordagem da temática. E, por fim, será ressaltado o papel dos espaços extradisciplinares como possibilidades formativas no trato à Educação Sexual nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas.

Educação Sexual: uma questão de terminologia

Para o fortalecimento da Educação Sexual enquanto um campo teórico é de suma importância o emprego de terminologias comuns, de modo a facilitar a socialização e discussão de seus resultados (FIGUEIRÓ, 1996). Diversos autores se posicionam em concordância com a utilização da expressão Educação Sexual, em detrimento a outras existentes, tais como Orientação Sexual, Informação ou Instrução Sexual e Educação para a Sexualidade (GOLDBERG, 1982; FIGUEIRÓ, 1996; WEREBE, 1998; FURLANI, 2005). Desse modo, reitero a posição de tais autores, utilizando Educação Sexual ao longo de todo o texto, uma vez que:

O termo educação sexual é mais adequado, na medida em que abre espaço para que a pessoa que aprende seja considerada como sujeito ativo do processo de aprendizagem e não mero receptor de conhecimentos e/ou de orientações, como sugerem as outras terminologias: orientação, informação, instrução... Estas últimas denotam destaque na ação do professor. (FIGUEIRÓ, 1996, p. 291)

Outro argumento levantado para o uso de Educação Sexual em detrimento ao termo Orientação Sexual, por exemplo, deve-se ao fato de que este último se presta a certas ambiguidades, uma vez que também designa as orientações afetivo-sexuais das pessoas, enquanto heterossexuais, homossexuais, bissexuais, entre outras (WEREBE, 1998).

É de extrema importância deixar clara a concepção de Educação Sexual e de sexualidade que perpassam este trabalho. Nesse contexto, a Educação Sexual é entendida como um processo de ensino-aprendizagem, formal (intencional) ou informal (WEREBE, 1998), acerca das questões ligadas à sexualidade. E, a sexualidade, por sua vez, é compreendida, como:

[...] uma dimensão ontológica essencialmente humana, cujas significações e vivências são determinadas pela natureza, pela subjetividade de cada ser humano e, sobretudo, pela cultura, num processo histórico e dialético. A sexualidade não pode, pois, ser restringida à sua dimensão biológica, nem à noção de genitalidade, ou de instinto, ou mesmo de libido. Também não pode ser percebida como uma “parte” do corpo. (FIGUEIRÓ, 2014, p. 48)

Educação Sexual e a Formação de professores de Ciências e de Biologia

A Educação Sexual foi inserida nos currículos das escolas brasileiras somente no fim dos anos 1990, com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), sob o nome “Orientação Sexual” (BRASIL, 1998). Ela compunha um dos sete Temas Transversais os quais, devido sua complexidade social, deveriam ser tratados por todas as disciplinas ao longo do ciclo de escolarização (BRASIL, 1998).

Ainda que os PCN preconizassem essa transversalidade da Educação Sexual, os professores de Ciências e de Biologia ainda são considerados os que promovem a Educação Sexual no ensino básico (COELHO; CAMPOS, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017), expondo, assim, a não efetivação dessa proposta de transversalidade (LIRA; JOFILI, 2010; AMORIM, 2014). Além disso, apesar de serem legitimados enquanto promotores da temática na educação básica, frequentemente é relatada a precariedade nas suas formações (inicial e continuada) (SILVA; NETO, 2006; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015):

No Brasil, a carga de responsabilidade para tratar dos temas relacionados à Educação Sexual em sala de aula é usualmente delegada aos professores de ciências e biologia [...] Entretanto, esses profissionais não possuem, em sua formação, a carga de conhecimentos necessária para discutir a sexualidade com seus alunos fora do *discurso médico-biológico*. (DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015, p. 4, grifos meus)

Dificuldades nos cenários de formação

Um dos problemas da formação em Educação Sexual dos professores de Ciências e de Biologia, tal como ressaltado na citação anterior, e reiterado por inúmeras pesquisas, está relacionado à ausência dos aspectos psicossociais da temática nos cursos superiores (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011; COELHO; CAMPOS, 2015; DINIZ; CIRINO; HEREDERO, 2015; OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017). Nessa situação, cria-se um entendimento de que a Educação Sexual se encerra em aspectos anatomo-fisiológicos da sexualidade, bastando o tratamento de assuntos, como: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)¹, Métodos Contraceptivos, Gravidez na Adolescência e Anatomo-fisiologia do Sistema Sexual². Entretanto,

[...] trabalhar educação sexual engloba tratar sob vários aspectos a sexualidade, sendo, portanto, que o docente não deve se restringir apenas à vertente da abordagem biológico-higienista para tratar dessa temática com seus alunos, mas ele deve levar em consideração, quando for abordar esse assunto, as questões sociais e de direito, além daquelas relacionadas aos valores éticos, morais e culturais [...] (OLIVEIRA; BARBOSA; OLIVEIRA, 2017, p. 7).

As diversidades sexuais e de gênero, nessa postura de não tratar os aspectos culturais, sociais e psicológicos da sexualidade, são geralmente invisibilizadas dos cenários de formação em

¹ A partir de 2016, o Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das IST, HIV/Aids e das Hepatites Virais, passou a utilizar o termo Infecção Sexualmente Transmissível (IST) no lugar de Doença Sexualmente Transmissível (DST) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2016).

² Utilizo Sistema Sexual no lugar de Sistema Reprodutor, no sentido de retirar a finalidade compulsória da procriação (FURLANI, 2003).

Educação Sexual (FURLANI, 2008; ALTMANN, 2013; COELHO; CAMPOS, 2015). Em relação à valorização das diversidades sexuais e de gênero na formação de professores, Furlani (2008, p. 112) afirma que:

É imprescindível, a qualquer processo de educação e de formação de educadoras/es (que busca, honestamente, explicitar as desigualdades sociais), duvidar da norma, questionar as hegemonias, pôr em questão a moralidade conservadora, explicitar os mecanismos históricos e políticos que marcam “os diferentes” como significativamente “indesejáveis”.

No âmbito de legislações que tratam sobre a formação de professores, foi lançada em 2015, as Diretrizes Curriculares Nacionais para formação inicial em nível superior. Nela, consta que os currículos dos cursos de formação deveriam contemplar, além dos conteúdos específicos da área de conhecimento, “[...] a formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, *direitos humanos, diversidades étnico-racial, de gênero, sexual* [...]” (BRASIL, 2015, p. 11, grifos meus).

Entretanto, um novo marco na legislação educacional começou a ser elaborado ainda em 2015, a chamada Base Nacional Comum Curricular, a qual tem como objetivo servir de referência para a construção dos currículos na educação básica (BRASIL, 2017). Em abril de 2017, a terceira versão da BNCC aparece disponibilizada, mas com alterações em relação à versão anterior, como a supressão das expressões “gênero” e “orientação sexual” (SALGADO; SOUZA; WILLMS, 2018). Tendo em vista o caráter obrigatório da BNCC e que ela balizará a formação de professores de Ciências e de Biologia, e principalmente, levando em conta essas exclusões de temas tão importantes à Educação Sexual, cada vez mais se faz necessário a criação de mecanismos pedagógicos de resistência a essas iniciativas conservadoras, visando garantir uma formação em Educação Sexual que pautas as diversidades sexuais e de gênero.

Outro desafio formativo do professor de Ciências e de Biologia em Educação Sexual, está relacionado ao fato de que, para que ela seja efetiva, é preciso tratar não apenas informações sobre sexualidade, mas trabalhar a reflexão, as questões atitudinais e de respeito ao outro. Deve-se levar em conta sua formação global, não apenas priorizar informações científicas, mas trabalhar a reflexão, inclusive enquanto mecanismo de autoconhecimento da própria sexualidade do professor. Além disso, pensar práticas pedagógicas que envolvam Educação Sexual também se mostra imprescindível quando se trata da formação do professor de Ciências e de Biologia para abordagem da temática (BARCELOS; JACOBUCCI, 2011).

Em estudo anterior, Oliveira, Barbosa e Oliveira (2017) evidenciaram a falta de disciplinas específicas de Educação Sexual em um Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de uma universidade pública estadual localizada no município de Itapipoca, CE. Ainda em relação a essa questão disciplinar, Miranda (2015) afirma que quando há disciplina específica desse tema nos cursos de formação inicial, muitas vezes elas são optativas e nem sempre são ofertadas. Tal fato é preocupante, principalmente se considerarmos que “a ausência de disciplinas formadoras em sexualidade na Universidade dificulta o desenvolvimento de uma prática pedagógica transformadora no cotidiano escolar [...]” (OLIVEIRA et al., 2017, p. 8). Apesar dessas problemáticas, veremos a seguir que os espaços extradisciplinares podem atuar enquanto formativos em relação às questões de Educação Sexual nos currículos dos cursos de formação inicial dos professores de Ciências e de Biologia.

Espaços extradisciplinares como possibilidades formativas

No presente ensaio, a palavra *extradisciplinar*³ é entendida como espaços e tempos dentro do currículo, mas que não se constituem em disciplinas propriamente ditas. É nesse sentido que, grupos específicos como o Programa de Iniciação à Docência (PIBID) e o Programa de Educação Tutorial (PET), por exemplo, podem ser considerados espaços extradisciplinares. Inclusive, existem relatos na literatura evidenciando a importância de programas como o PIBID, por exemplo, na formação inicial em Educação Sexual de licenciados do curso de Biologia (MORYAMA; MAISTRO, 2013; AMARAL et al., 2015; MIRANDA; FREITAS, 2018).

Em relação ao programa PET, existem trabalhos evidenciando sua importância na formação de graduandos de Ciências Biológicas da UFSC (ERSCHING et al., 2007), inclusive em relação ao Projeto de Educação em Saúde, o qual possuía um eixo de discussão de sexualidade (PLUCENIO et al., 2010): “O Projeto possibilitou a graduandos da UFSC a oportunidade de trabalhar conceitos aprendidos durante o curso, fora da comunidade acadêmica, proporcionando momentos de reflexão, trocas de experiências e de crescimento pessoal.” (PLUCENIO et al., 2010, p. 21)

A reflexão é apontada como elemento essencial na formação dos professores para o tratamento da Educação Sexual, e em especial a reflexão coletiva, portanto, sendo interessante uma abordagem grupal dessa formação (SILVA; NETO, 2006). É nesse sentido que, grupos como PIBID e PET, são espaços extradisciplinares de formação que devem ser investigados enquanto potencialidades em se tratando da formação em Educação Sexual dos professores de Ciências e de Biologia.

Em trabalho recente, Zanella (2018) evidenciou a presença de discursos de gênero e sexualidade em diversos espaços nos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas da UFSC. Desse modo, diversos espaços extradisciplinares foram elencados como locais de discussão dessas temáticas, como o PET/Biologia/UFSC, Coletiva Feminista Mítia Bonita, Projeto ObedUFSC, entre outros (ZANELLA, 2018). Portanto, pôde-se evidenciar a presença de discussões de gênero e sexualidade, como integrantes dos currículos do curso de formação de professores de Ciências e de Biologia da UFSC. Sendo assim, verifica-se a importância dos espaços extradisciplinares nesse contexto, enquanto locais possíveis do tratamento dessas temáticas, de modo a não aprisionar o entendimento da Educação Sexual apenas ao discurso anatomo-fisiológico.

Considerações Finais

Ainda que os PCN preconizassem a transversalidade da Educação Sexual, essa proposta parece não ter se efetivado, uma vez que os professores de Ciências e de Biologia ainda são considerados os promotores da temática na educação básica. Além disso, são evidenciadas diversas dificuldades em termos de formação desses professores para o tratamento da Educação Sexual, tais como falta de disciplinas específicas nos cursos superiores e o não tratamento dos aspectos psicossociais da sexualidade, restringindo a Educação Sexual a um discurso anatomo-fisiológico.

Contudo, apesar desses limites estabelecidos em diversas pesquisas, surgem cada vez mais possibilidades formativas quanto às questões de Educação Sexual nos cursos superiores. Entre essas possibilidades, figuram os espaços extradisciplinares, tais como PIBID e o PET, por

³ A questão dos espaços extradisciplinares aqui tratados se baseia na ideia de atividades e estágios extradisciplinares presentes no Projeto Político Pedagógico dos Cursos de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), entendidos “[...] como parte da formação profissional e como parte integrante do currículo do curso.” (UFSC, 2005, p. 4).

exemplo, os quais já foram reconhecidos como importantes espaços para a formação de professores de Ciências e de Biologia, em relação à Educação Sexual.

Em suma, reitero que devemos olhar os espaços extradisciplinares, no contexto dos cursos de licenciatura em Ciências Biológicas, enquanto potencialidades para formação dos professores de Ciências e de Biologia em Educação Sexual. Desse modo, conseguiremos ultrapassar vazios disciplinares, apontados como impeditivos para uma formação efetiva desses professores quanto à temática de Educação Sexual.

Agradecimentos e apoios

Agradeço a disponibilidade de minha orientadora Prof^ª Dr^ª Adriana Mohr, na revisão inicial do presente artigo.

Referências

- ALTMANN, H. Diversidade sexual e educação: desafios para a formação docente. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n.13, p.69-82, 2013.
- AMARAL, R.C.C. et al. Sexualidade e Gênero na escola: construindo atividades formativas na Rede Pública de ensino através do PIBID. **Revista Ensino & Pesquisa**, v.13, n.02, p.45-56, 2015.
- AMORIM, B.M.O. Sexualidade e formação dos professores: interfaces e desafios. In: Congresso Nacional de Educação, 1, 2014, Campina Grande. **Anais...** . Campina Grande: CONEDU, 2014.
- BARCELOS, N. N. S.; JACOBUCCI, D. F. C. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 10, n. 2, p. 334-345, 2011.
- BRASIL. **Parâmetros Nacionais Curriculares: orientação sexual**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, 1998.
- _____. Ministério da Educação. Resolução n. 2 de 1 de julho de 2015. Define as diretrizes curriculares nacionais para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1 jul. 2015.
- _____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Brasília, DF, 2017.
- COELHO, L.J.; CAMPOS, L.M.L. Diversidade sexual e ensino de ciências: buscando sentidos. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 893-910, 2015.
- DINIZ, B.L.R.; CIRINO, M.M.; HEREDERO, E.S. Formação inicial em educação sexual: percepções de professores de Biologia de um Instituto de Educação Secundária de Guadalajara (Espanha). In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 10, 2015, Águas de Lindóia. **Anais...** . Águas de Lindóia: ABRAPEC, 2015.
- ERSCHING, J. et al. O Programa de Educação Tutorial e o Curso de Biologia na UFSC. In: ELY, V.H.M.; PIRES, G. L. **Do Treinamento à Educação Tutorial: o PET na UFSC (1980-2007)**. Florianópolis: UFSC/PREG, 2007.
- FIGUEIRÓ, M.N.D. Educação sexual: Problemas de conceituação e terminologias básicas adotadas na produção acadêmico-científica brasileira. **Semina: Ci. Sociais/Humanas**, v. 17, n. 3, p. 286-293, set. 1996.

_____. **Formação de educadores sexuais:** adiar não é mais possível. 2 ed. Londrina: Eduel, 2014.

FURLANI, J. Educação Sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade:** um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **O bicho vai pegar:** um olhar pós-estruturalista à educação sexual a partir de livros paradidáticos infantis. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

_____. Mulheres só fazem amor com homens? A Educação Sexual e os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo. **Pro-Posições**, v. 19, n. 2, p. 111-131, 2008.

GOLDBERG, M.A.A. **Educação Sexual:** uma proposta, um desafio. São Paulo: Editora Aruanda, 1982.

LIRA, A.; JOFILI, Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes? **Ensino, Saúde e Ambiente**, Niterói, v. 3, n. 1, p. 22-41, 2010.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Departamento passa a utilizar nomenclatura "IST" no lugar de "DST"**. 2016. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/noticias/departamento-passa-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

MIRANDA, J.R. A Educação Sexual como disciplina no currículo da formação inicial de professores: Caminhos, conquistas e desafios. In: Congresso Nacional de Educação, 12, 2015, Paraná. **Anais...** . Paraná: EDUCERE, 2015.

MIRANDA, P.R.M.; FREITAS, F.E.L. Contribuições do PIBID Educação Sexual na formação inicial de professores de Ciências e Biologia. In: VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, 7, 2018, Rio Grande. **Anais...** . Rio Grande: FURG, 2018.

MORYAMA, N.; MAISTRO, V.I.A. A Educação Sexual no PIBID/Biologia. In: IX Congresso Internacional sobre Investigación en Didáctica de las Ciencias, 9, 2013, Girona. **Anais...** .Girona, 2013.

OLIVEIRA, A.P.S.; BARBOSA, M.G.; OLIVEIRA, M.C.A. A configuração curricular para educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. In: Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino de Ciências, 3, 2017, Campina Grande. **Anais...** . Campina Grande: CONAPESC, 2017.

OLIVEIRA, R.R. et al. Preconceito e sexualidade em sala de aula – o (des)preparo docente frente ao dizer dos alunos. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação de Ciências - ENPEC, 11, 2017, Florianópolis. **Anais...** .Florianópolis: ABRAPEC, 2017.

PLUCENIO, R.M. et al. Atividades do projeto “Educação em Saúde como um exercício de inclusão social”: Ações em 2009. **Extensio**, Florianópolis, n. 9, p. 12-23, 2010.

SALGADO, R.G.; SOUZA, L.L.; WILLMS, E.E. Infância, arte, gênero, sexualidade e educação: a mordaca e a criminalização em nome da proteção. **Periódicus**, Salvador, n. 9, v. 1, 2018.

SILVA, R.C.P.; NETO, J.M. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. Bauru, **Ciência & Educação**, v. 12, n. 2, p. 185-197, 2006.

UFSC. **Relatório Final de Atividades da Comissão da Reforma Curricular**. BRASIL, 2005. Disponível em:

<http://cienciasbiologicas.grad.ufsc.br/files/2013/08/relatorio_final_completo.pdf>. Acesso em: 10 ago 2018.

WEREBE, M.J.G. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 1998.

ZANELLA, L. **Entre silêncios e resistências**: sentidos sobre gênero e sexualidade na licenciatura em Ciências Biológicas. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação Científica e Tecnológica) – Programa de Pós-graduação em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.